1. Uma cultura em que a autonomia e a independência são os valores centrais e mais exaltados só pode se transmitir por um duplo vínculo, ou seja, por uma consignação paradoxal e contraditória. A virtude essencial que deve ser ensinada é, com efeito, a capacidade de desobedecer. Portanto, obedecer é desobedecer. Mas – complicação – quem desobedece está obedecendo. Difícil tanto obedecer quanto seu contrário.

2. Na sociedade pré-moderna, a divisão social era relativamente pacífica, estabelecida. Hoje, a divisão social é móvel e a posição de cada um depende, em princípio, do reconhecimento dos outros que se consegue ou não. É normal que ninguém esteja satisfeito com sua situação e que cada um tente melhorá-la. O adulto moderno transmite ao adolescente não um estado onde ele poderia se instalar como se herdasse uma moradia, mas uma aspiração. Mais do que isso: ele transmite a seu rebento a ambição de não repetir a vida e o status dos adultos que o engendraram. Ou seja, de desrespeitar suas origens, de não se conformar, de se destacar.

3. Apesar disso tudo, os adultos devem também transmitir ao adolescente as regras da conformidade social, necessária para que ele não seja simplesmente inadaptado. Ora, essa transmissão inevitável de princípios morais e valores prezados pelo consenso social aparece ao adolescente como prova da covardia, do oportunismo e do fracasso dos adultos. Se eles prezam a exceção, porque se dobram a rogar a conformidade? A autoridade do adulto é assim minada, pois todos os valores positivos parecem emanar da resignação ao fracasso, de um desejo frustrado de rebeldia ou de unicidade. Quanto mais o adulto tenta se constituir como autoridade moral, tanto mais se qualifica como hipócrita, porque a cultura (e ele junto com ela) promove como ideal aquele que faz exceção à norma.

4. Quanto mais o adulto se manifesta rigoroso e quer impor sua autoridade recorrendo a uma tradição, tanto mais ele a enfraquece e se enfraquece com ela. Esse recurso, portanto, passa a produzir cada vez mais revolta por aparecer sempre, em nossa cultura, como hipócrita. Ou seja, como repressão exercida contra o inconfessável de nossos sonhos.

5. O adolescente é levado a concluir que o adulto quer dele revolta. E a repressão só confirma nele essa crença, apenas acrescentando a constatação de que o adulto repressor é hipócrita.